

ASPECTOS METODOLÓGICOS ENVOLVIDOS NA ALFABETIZAÇÃO

OBJETIVO: Compreender métodos de alfabetização como o resultado da determinação dos objetivos a atingir (que conceitos, habilidade, atitudes caracterizarão a pessoa alfabetizada?), da opção por certos paradigmas conceituais (psicológico, lingüístico, pedagógico), da definição, enfim de ações, procedimentos, técnicas compatíveis com os objetivos visados e as opções teóricas assumidas.

Precisamos, urgentemente, refletir e propor alternativas no sentido de ministrar um ensino que proporcione a “alfabetização” e o “letramento” de nossos alunos, entendida a primeira como a aquisição do sistema de escrita convencional e o segundo como o desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita. (SOARES, 2004)

Alfabetização em Busca de um Método?

Pesquisas evidenciam que a questão do método é objeto de estudo em todas as décadas, mas sua presença só foi significativa nos anos 50 e 60. (A alfabetização estava sim, em busca de um método). A pergunta que hoje se coloca, voltava-se para qual o melhor método para alfabetizar?

Em um passado já distante, a soletração; depois, a silabação, ou a palavração, a sentencição, o método global. De forma mais abrangente, o caminho da parte para o todo (da sílaba à palavra, à sentença, ao conto ou ao texto), isto é, o caminho em direção a síntese - os métodos sintéticos; ou o caminho do todo para a parte (do conto ou texto à sentença, à palavra, à sílaba, à letra), isto é, o caminho em direção a análise - os métodos analíticos; ou ainda a alternância entre a parte e o todo - os métodos analítico-sintéticos, ou ecléticos.

FREIRE (1960) apresentou uma proposta de alfabetização que rompeu com muitos aspectos constitutivos dos métodos tradicionais de alfabetização - Capítulo 4 de Educação como prática de liberdade apresenta em notas de rodapé, classificações de métodos de alfabetização e se inclui entre aqueles que propõem um “método eclético”, que abarca (...) a síntese e a análise, propiciando o analítico-sintético. (...) Paulo Freire criou, segundo SOARES (2004), uma concepção de alfabetização, como meio de democratização da cultura, como oportunidade de reflexão sobre o mundo e a posição e o lugar do homem, no quadro de uma também concepção de educação como prática de liberdade, como conscientização.

SOARES (2004) explica que nos últimos anos ocorreu uma radical mudança de paradigma em relação ao processo de

alfabetização. Pesquisas sobre a produção acadêmica e científica a respeito da alfabetização mostram uma predominância da psicologia. Entretanto são vários os eixos epistemológicos subjacentes às concepções psicológicas. Numa perspectiva histórica, ao analisar estes eixos, verifica-se por um lado, a persistência do associacionismo ao longo do tempo, mas também se constata uma presença forte da psicologia genética nos anos 80.

A tendência Associacionista predominou nas décadas de 50, 60, e, sobretudo na década de 70, quando a vertente skinneriana dessa tendência exercia grande influência no ensino brasileiro. Na perspectiva associacionista, o método é fator essencial do processo de aprendizagem da língua escrita, porque é considerado determinante dessa aprendizagem. “Déficit de aprendizagem estava relacionado a prontidão para aprender” - ênfase no período preparatório, e nos testes de prontidão.

A concepção psicogenética, deslocando o eixo de compreensão e interpretação do processo pela qual a criança aprende a ler e a escrever, trouxe uma severa crítica à importância que vinha sendo atribuída ao método de alfabetização - ruptura de paradigma.

... a concepção psicogenética alterou profundamente a concepção do processo de aquisição da língua escrita, em aspectos fundamentais: a criança, de aprendiz dependente de estímulos externos para produzir respostas que, reforçadas, conduziram à aquisição da língua escrita - concepção básica dos métodos tradicionais de alfabetização - passa a sujeito ativo capaz de construir o conhecimento da língua escrita, interagindo com esse objeto de conhecimento; os chamados pré-requisitos para a aprendizagem da escrita, que caracterizariam a criança “pronta” ou “madura” para ser alfabetizada - pressuposto dos métodos tradicionais de alfabetização - são negados por uma visão interacionista que rejeita uma ordem hierárquica de habilidades, afirmando que a aprendizagem se dá por uma progressiva construção de estruturas cognitivas, na relação da criança com o objeto “língua escrita”; As dificuldades da criança, no processo de aprendizagem da língua escrita - consideradas “deficiências” ou “disfunções”, na perspectiva dos métodos tradicionais - passam a ser vistos como “erros construtivos”, resultado de constantes reestruturações, no processo de construção do conhecimento da língua. (SOARES, 2004, p. 89)

FERREIRO & TEBEROSKY (1980), com a “psicogênese da língua escrita”, defenderam uma concepção de língua escrita como um sistema de notação, que no nosso caso, é alfabético. Constatação de que os alunos precisariam compreender como este sistema funciona, descobrisse o que a escrita notava, entender que o que a escrita alfabética notava no papel eram os sons das partes orais das palavras e

que o fazia considerando segmentos sonoros menores que a sílaba (reconhecimento dos fonemas)

A teoria psicogenética pregava a necessidade de possibilitar que os alfabetizando se apropriassem do sistema de escrita alfabético a partir da interação com diferentes textos escritos em atividades significativas de leitura e produção de textos (conceito de letramento, difundido por SOARES, 1990).

É em decorrência dessas mudanças conceituais que segundo SOARES (2004) o método passa a ser questionado: são concepções diametralmente conflitantes do processo de aquisição da língua escrita que estão em jogo. Na concepção associacionista o método é fator determinante; na concepção psicogenética, o aprendiz é o centro do processo.

Então porque a dúvida? Se aí está a teoria Psicogenética, a demonstrar que a criança é que aprende a ler e a escrever, não é o método que ensina a ler e a escrever? SOARES (2004), explica que a razão de estarmos nos perguntando a respeito de um método de alfabetização, está na teologia que a escola e conseqüentemente a prática pedagógica nos impõe. A escola delimita os conteúdos culturais a serem transmitido, homogênea, sistematiza e codifica os conteúdos culturais selecionados. Fixa a duração do tempo em que deve ocorrer a apropriação de cada um desses conteúdos selecionado e avalia o nível de realização dessa apropriação em momentos preestabelecidos. (p.90/91)

SOARES (2004), afirma que estamos sim em busca de um método de alfabetização, porém explica que não de um método ortodoxo, sinônimo de manual, de artefato pedagógico que tudo prevê e que transforma o ensino em uma aplicação rotineira de procedimentos e técnicas.

...método da área do ensino é um conceito genérico sob o qual podem ser abrigadas tantas alternativas quanto quadros conceituais existirem ou vierem a existir... no campo das línguas, um método é a soma de ações baseadas em um conjunto coerente de princípios e hipóteses psicológicas, lingüísticas, pedagógicas, que respondem a objetivos determinados. Em alfabetização o método será pois, o resultado da determinação dos objetivos a atingir, (conceitos, habilidades, atitudes caracterizarão a pessoa alfabetizada), da opção por certos paradigmas conceituais (psicológico, lingüístico, pedagógico), da definição enfim, de ações, procedimentos, técnicas compatíveis com os objetivos visados e as opções teóricas assumidas. (SOARES, 2004, p. 93)

Essa concepção de método não é incompatível com um paradigma conceitual psicogenético e método de alfabetização. Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, quando criticam, em sua obra *Psicogênese da Língua Escrita* (FERREIRO & TEBEROSKY, 1985), métodos de alfabetização, referem-se “aos métodos tradicionais”,

rejeitam as proposições metodológicas tributárias de concepções empiristas da aprendizagem (p. 277), mas não negam a possibilidade do método. No que diz respeito à discussão sobre os métodos, afirmam (...) que essa querela é insolúvel, a menos que conheçamos quais são os processos de aprendizagem do sujeito, processos que tal ou qual metodologia pode favorecer estimular ou bloquear. (p.26)

Assim como FERREIRO & TEBEROSKY, outros autores – GOODMAN (1990), CARDOSO (1989), GROSSI (1990), compactam da necessidade do educador “encontrar” um método de alfabetização. SOARES (2004) complementa afirmando que é preciso não ter medo do método; diante do assustador fracasso escolar, na área da alfabetização, em nosso país, estamos sim, em busca de um método, tenhamos coragem de afirmá-lo.

Mas de um método no conceito verdadeiro desse termo: método que seja o resultado da determinação clara de objetivos definidores dos conceitos, habilidades, atitudes que caracterizam a pessoa alfabetizada numa perspectiva psicológica, lingüística e, sobretudo social e política; que seja ainda o resultado da opção pelos paradigmas conceituais (psicológicos, lingüísticos, pedagógicos) que trouxeram uma nova concepção dos processos de aprendizagem da língua escrita pela criança, compreendendo esta como sujeito ativo que constrói o conhecimento, e não um ser passivo que responde a estímulos externos.

Segundo SOARES (2004, p. 96), sem preposições metodológicas claras, corremos o risco de ampliar o fracasso escolar, ou porque rejeitamos os tradicionais métodos, em nome de uma concepção da aprendizagem da escrita e da leitura, sem orientar os professores na “tradução” dos resultados gerados pelas pesquisas em uma prática renovada da sala de aula. Ou porque não saberemos resolver o conflito entre uma concepção construtivista da alfabetização e a ortodoxia da escola, ou, finalmente porque podemos incorrer no espontaneísmo, considerando, por falta de suficiente formação teórica, qualquer atividade como atividade intelectual, e qualquer conflito como conflito cognitivo. “Não temos o direito de submeter, mais uma vez, as crianças brasileiras a tentativas fracassadas de lhes dar acesso ao mundo da escrita”.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, a Escola Ciclada de Mato Grosso, A proposta pedagógica do Brasil alfabetizado: alfabetizar sem o uso dos “padrões silábicos”, parte-se da idéia de que a alfabetização deva ultrapassar o simples ler e escrever e conduzir a outras práticas sociais, imprimindo novas relações, conhecimentos, formas de linguagem e bens culturais. Nessa perspectiva, os alunos precisam ser envolvidos em situações concretas de produção de significados, seja na leitura, seja na produção de textos. As mudanças nas práticas dos professores não são frutos de uma aplicação direta da teoria na prática, mas se relacionam a um

processo de produção/fabricação de saberes na ação, para o qual concorrem vários aspectos.

No entanto, apesar dos avanços, uma boa parte dos professores alfabetizadores ainda lança mão de muitos aspectos tradicionais para ensinarem o sistema de escrita alfabético.

Vivemos na chamada “Sociedade do Conhecimento”, na qual a linguagem é fundamental para que se possa trabalhar e exercer a cidadania. Assim, acreditamos que o investimento na formação teórica e prática dos futuros professores é um dos elementos fundamentais na reversão do quadro educacional dramático que hoje presenciamos.

LEITURA E LITERATURA INFANTIL

A importância da leitura e literatura infantil na formação das crianças e jovens

A infância é o melhor momento para o indivíduo iniciar sua emancipação mediante a função liberatória da palavra. É entre os oito e treze anos de idade que as crianças revelam maior interesse pela leitura. O estudioso Richard Bamberger reforça a idéia de que é importante habituar a criança às palavras. "Se conseguirmos fazer com que a criança tenha sistematicamente uma experiência positiva com a linguagem, estaremos promovendo o seu desenvolvimento como ser humano."

Inúmeros pesquisadores têm-se empenhado em mostrar aos pais e professores a importância de se incluir o livro no dia-a-dia da criança. Bamberger afirma que, comparada ao cinema, ao rádio e à televisão, a leitura tem vantagens únicas. Em vez de precisar escolher entre uma variedade limitada, posta à sua disposição por cortesia do patrocinador comercial, ou entre os filmes disponíveis no momento, o leitor pode escolher entre os melhores escritos do presente e do passado. Lê onde e quando mais lhe convém, no ritmo que mais lhe agrada, podendo retardar ou apressar a leitura; interrompê-la, reler ou parar para refletir, a seu bel-prazer. Lê o que, quando, onde e como bem entender.

Essa flexibilidade garante o interesse contínuo pela leitura, tanto em relação à educação quanto ao entretenimento.

A professora e autora Maria Helena Martins chama a atenção para um contato sensorial com o objeto livro, que, segundo ela, revela "um prazer singular" na criança. Na leitura, por meio dos sentidos, a criança é atraída pela curiosidade, pelo formato, pelo manuseio fácil e pelas possibilidades emotivas que o livro pode conter. A autora comenta que "esse jogo com o universo escondido no livro "pode estimular no pequeno leitor a descoberta e o aprimoramento da linguagem, desenvolvendo sua capacidade de comunicação com o mundo.

Esses primeiros contatos despertam na criança o desejo de concretizar o ato de ler o texto escrito, facilitando o processo de alfabetização. A possibilidade de que essa experiência

sensorial ocorra será maior quanto mais freqüente for o contato da criança com o livro.

Às crianças brasileiras, o acesso ao livro é dificultado por uma conjunção de fatores sociais, econômicos e políticos. São raras as bibliotecas escolares. As existentes não dispõem de um acervo adequado, e/ou de profissionais aptos a orientar o público infantil no sentido de um contato agradável e propício com os livros.

Mais raras ainda são as bibliotecas domésticas. Os pais, quando se interessam em comprar livros, muitas vezes escolhem pela capa por falta de uma orientação direcionada às preferências das crianças.

É de extrema importância para os pais e educadores discutir o que é leitura, a importância do livro no processo de formação do leitor, bem como, o ensino da literatura infantil como processo para o desenvolvimento do leitor crítico.

Podemos tomar as orientações da professora Regina Zilberman, estudiosa em literatura infanto-juvenil e leitura, como forma de motivarmos as crianças e os jovens ao hábito de ler: abordar as relações entre a literatura e ensino legitimando a função da leitura, sugerindo livros, assim como atividades didáticas, a fim de alcançar o uso da obra literária em sala de aula e nas suas casas com objetivos cognitivos, e não apenas pedagógicos; considerar o confronto entre a criação para crianças e o livro didático, tornando o último passível de uma visão crítica e o primeiro ponto de partida para a consideração dos interesses do leitor e da importância da leitura como desencadeadora de uma postura reflexiva perante a realidade.

Assim, com relação à leitura e à literatura infantil, pais e professores devem explorar a função educacional do texto literário: ficção e poesia por meio da seleção e análise de livros infantis; do desenvolvimento do lúdico e do domínio da linguagem; do trabalho com projetos de literatura infantil em sala de aula, utilizando as histórias infantis como caminho para o ensino multidisciplinar.

Estratégias para o uso de textos infantis no aprendizado da leitura, interpretação e produção de textos também são exploradas com o intuito final de promover um ensino de qualidade, prazeroso e direcionado à criança. Somente desta forma, transformaremos o Brasil num país de leitores.

RELAÇÃO LEITOR/TEXTO E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO NA LEITURA

O ensino de língua portuguesa, desde tempos muito remotos até a atualidade, configura-se, geralmente, em uma metodologia bastante tradicional. Centrado quase que única e exclusivamente no ensino da gramática normativa, sabe-se que essa metodologia de ensino não proporciona uma aprendizagem significativa e abrangente sobre a língua, revelando-se, assim, certa despreocupação do ensino de língua portuguesa com a produção textual. Com base nessa constatação, tem-se pensado no trabalho com o texto através

da interação entre autor, texto e leitor, principalmente nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Médio.

A partir do pressuposto de que o texto é lugar de interação de sujeitos sociais, os quais, dialogicamente, nele se constituem e são constituídos, Kleiman (2009) interpreta que a atividade de leitura corresponde a uma interação a distância entre leitor e autor via texto. Ao autor, cabe a tarefa de apresentar, da melhor maneira possível, os melhores argumentos, a evidência mais convincente, organizando e deixando no texto pistas formais a fim de atingir o seu objetivo. A partir daí, o leitor constrói um significado global para o texto, utilizando-se, sempre que possível, da experiência de vida que antecede o encontro com o texto.

Leffa (1999) parte do princípio de que, para haver interação, é necessário que haja pelo menos dois elementos e que esses elementos se relacionem de alguma maneira:

No processo da leitura, por exemplo, esses elementos podem ser o leitor e o texto, o leitor e o autor, as fontes de conhecimentos envolvidas na leitura, existentes na mente do leitor, como conhecimento de mundo e conhecimento linguístico, ou ainda, o leitor e os outros leitores. No momento em que cada um desses elementos se relaciona com o outro, no processo de interação, ele se modifica em função desse outro. Em resumo, podemos dizer que, quando lemos um livro, provocamos uma mudança em nós mesmos, e que essa mudança, por sua vez, provoca uma mudança no mundo (LEFFA, 1999, p. 14-15).

Dessa forma, entende-se que a leitura, no processo interativo, autor/texto/leitor, exige a ativação de conhecimento antigo do leitor e que esse deve estar em consonância com o que está dito no texto. Também chamada de esquemas, as diferentes experiências vividas pelo leitor são ativadas pelo cérebro no momento da leitura. Além disso, aquele que lê precisa ter a competência necessária para dar uma interpretação autorizada pelo autor do texto. Para que haja interação entre autor e leitor, o primeiro, que detém a palavra, precisa ser informativo, claro e relevante, mapeando claramente as pistas que permitam uma reconstrução do significado e da intenção comunicativa.

Antunes (2010) sinaliza que, na busca interpretativa de um texto, os elementos gráficos (palavras, sinais) funcionam como instruções do autor, as quais o leitor não pode desprezar, pois, a partir disso, ele descobre significações, elabora suas hipóteses e tira suas conclusões. Segundo Kleiman (2009), para o leitor ter um maior aproveitamento da leitura, ele precisará ativar alguns conhecimentos importantes que interagem entre si com uma participação maior ou menor na construção do sentido. Dentre eles, a autora destaca:

a) o conhecimento de mundo - aquele adquirido pelo leitor ao longo de sua experiência de vida, conquistada através de suas leituras, experiências e nos bancos escolares;

b) o conhecimento linguístico – diz respeito ao reconhecimento dos vocábulos e seus sentidos possíveis dentro de um determinado contexto;

c) o conhecimento textual – compreende a capacidade de saber diferenciar diferentes tipos de textos e diferentes gêneros textuais. No decorrer desse processo, o professor deverá ser o orientador ou mediador entre texto e aluno.

A leitura, como um processo que acontece na mente do leitor e não como produto, resultado obtido, precisa se dar de forma descendente, em que o leitor consegue antecipar as informações através do seu conhecimento prévio. A partir disso, atribuir-se-á melhor significado ao que se lê. Contudo, a leitura não é somente a interação das fontes de conhecimento que temos na memória, mas ela pode ser vista também “como uma atividade social, com ênfase na presença do outro (...) com quem colaborativamente trocam-se ideias sobre o texto” (LEFFA, 1999, p. 30).

A aquisição do conhecimento, nas aulas, principalmente de Língua Portuguesa do Ensino Médio, requer um processo de leitura interativo entre autor/texto/leitor, sem que os alunos sintam-se excluídos, muitas vezes, pela leitura de textos que dissertam sobre práticas sociais distintas daquelas em que estão inseridos. Isso quer dizer que, na sala de aula, o aluno é muitas vezes solicitado a ler um texto que não foi escrito para ele. Seguindo esse ritmo, a leitura é usada para “moldar o pensamento e comportamento das pessoas dentro de uma forma conservadora, numa visão imutável da sociedade” (LEFFA, 1999, p. 31).

Antunes (2010) sinaliza que o texto, ao ser lido, precisa ser o lugar de um encontro entre autor e leitor. Assim também Leffa (1999, p. 31-32) advoga que:

Quando a interação ocorre, as pessoas mudam e ao mudar mudam a sociedade em que estão inseridas. No caso da leitura, a transformação ocorre porque ler é desvelar o desconhecido. Não só o oprimido tem a revelação de sua condição de oprimido, mas o próprio opressor descobre que a mudança para uma sociedade igualitária traz benefícios para todos, oprimidos e opressores (LEFFA, 1999, p. 31-32).

Dessa maneira, percebe-se que o importante é que o leitor tenha a liberdade de atribuir significado ao que lê, além de escolher suas próprias leituras. Para tanto, os professores de Língua Portuguesa do Ensino Médio devem oferecer textos que condizem com a comunidade social do aluno, além de outros fatores, como a sua faixa etária e suas preferências, por exemplo.

AVALIAÇÃO DOS PROCESSOS DE APROPRIAÇÃO DA LEITURA E DE ESCRITAS

Para iniciar o trabalho de alfabetização o professor precisa saber quais são os conhecimentos que a criança tem, naquele momento, sobre o processo de construção da leitura e da escrita.

Esta verificação é feita por meio de uma “sondagem”.

A sondagem é um dos recursos de que o professor dispõe para conhecer as hipóteses que os alunos ainda não alfabetizados possuem sobre a escrita alfabética e o sistema de escrita de uma forma geral. Ela também representa um momento no qual os alunos têm a oportunidade de refletir sobre aquilo que escrevem, com a ajuda do professor.

A realização periódica de sondagens é também um instrumento para o planejamento do professor, pois permite avaliar e acompanhar os avanços da turma com relação à aquisição da base alfabética, fornecendo informações preciosas para o planejamento das atividades de leitura e de escrita, assim como para a definição da parceria de trabalho entre os alunos (agrupamentos) e para fazer boas intervenções junto aos alunos.

Mas o que é uma sondagem? É uma atividade de escrita que envolve, num primeiro momento, a produção espontânea e sem apoio de outras fontes escritas de uma lista de palavras conhecidas dos alunos. Ela pode ou não envolver fontes escritas de frases simples. É uma situação de escrita que deve, necessariamente, ser seguida da leitura pelo aluno daquilo que ele escreveu. Por meio da leitura é que o professor poderá observar se o aluno estabelece ou não relações entre aquilo que ele escreveu e aquilo que lê em voz alta, ou seja, entre a fala e a escrita.

Nessa proposta, sugerimos que sejam realizadas sondagens avaliativas logo no início do ano, em fevereiro, no começo de abril e no final de junho. Assim, ao longo do primeiro semestre letivo, será possível analisar o processo de alfabetização dos alunos em três momentos diferentes. O processo de apropriação do sistema não é estático e pode apresentar mudanças de um dia para outro, ou levar muito tempo para que a criança estabilize um novo saber.

É preciso respeitar o momento de aprendizagem, que é individual.

Estas sondagens devem ser datadas e guardadas para que o professor tenha o histórico do processo o desenvolvimento da criança. Entretanto, para fazer uma avaliação mais global das aprendizagens da turma, é interessante recorrer a outros

instrumentos – inclusive a observação diária dos alunos – pois a atividade de sondagem representa uma espécie de retrato do processo do aluno naquele momento.

Feitas essas observações iniciais, compartilhamos os critérios de definição das palavras das atividades de sondagem. São eles:

✓ As palavras devem fazer parte do vocabulário cotidiano dos alunos, mesmo que eles ainda não tenham tido a oportunidade de refletir sobre a representação escrita dessas palavras (deverão conhecê-las oralmente). A lista deve contemplar palavras que variam na quantidade de letras, abrangendo monossílabas, dissílabas, etc e fazer parte do mesmo campo semântico.

✓ O ditado deve ser iniciado pela palavra polissílaba, depois a trissílaba, a dissílaba e por último, a monossílaba. Esse cuidado deve ser tomado porque, no caso de as crianças escreverem segundo a hipótese do número mínimo de letras, poderão recusar-se a escrever caso tenham de começar pelo monossílabo.

✓ Evite palavras que repitam as vogais, pois isso também pode fazer com que as crianças entrem em conflito – por causa da hipótese da variedade – e também recusem-se a escrever (Ex.: ARARA).

✓ Após o ditado da lista, dite uma frase que envolva pelo menos uma das palavras da lista, para que se possa observar se os alunos voltam a escrever essa palavra de forma semelhante, ou seja, se a escrita dessa palavra permanece estável mesmo no contexto de uma frase.

Dicas para o encaminhamento da sondagem

✓ as sondagens deverão ser feitas no início das aulas (em fevereiro), início de abril, final de junho, ao final de setembro e ao final de novembro.

✓ Faça a sondagem em um papel sem pauta, isso é proposital, pois assim será possível observar o alinhamento e a direção da escrita dos alunos.

✓ Se possível, faça a sondagem com pouco alunos por vez, deixando o restante da turma envolvido com outras atividades que não solicitem tanto sua presença.

✓ Dite normalmente as palavras e frases, sem silabar.

✓ Observe as reações dos alunos enquanto escrevem. Anote aquilo que eles falarem em voz alta, sobretudo o que eles pronunciarem de forma espontânea (não obrigue ninguém a falar).

✓ Quando eles terminarem, peça para que eles leiam aquilo que escreveram. Anote em uma folha à parte como eles fazem essa leitura, se apontam com o dedinho cada uma das letras ou não, se associam aquilo que falam à escrita etc. A leitura é fundamental pois é por meio dela que o professor irá verificar que associações entre a leitura e a escrita a criança está fazendo, e portanto, em que momento do processo se encontra.

PROVA IDECAN 1

A Internet e a Língua Portuguesa

O que o futuro reserva para a Língua Portuguesa com o uso do “internetês” cada vez mais apreciado pelos internautas.

Cada vez com mais frequência, veiculadas pela mídia, ouvidas na vida cotidiana, as preocupações com o destino da Língua Portuguesa se fazem presentes diante do uso de palavras cifradas nas salas de bate-papo, nos e-mails, enfim no dia a dia dos navegantes virtuais. Algumas questões se nos apresentam: estaria essa língua do mundo virtual prestes a invadir de vez o mundo real e influenciar o modo de falar de pessoas que sequer se sentaram à frente de um microcomputador? Poderia esse tipo de linguagem acarretar a modificação da norma culta de nosso idioma? Estaríamos a caminho da perda da nossa identidade linguística por causa da Internet? É nesses ambientes cibernéticos que você se transforma em “vc”, que beijos em “bjs”, desaparecem os acentos, o til, qualquer sinal que demande tempo maior de digitação.

Uma língua nasce da necessidade de comunicação de uma sociedade e é parte da cultura, porque é formada por essa sociedade organizada ao tempo em que guarda toda sua cultura, o que significa que se faz ao longo da história dos povos que a formam: é fruto dos seus encontros, das relações que estabelecem – relações de colaboração, de parceria, de domínio, em que há explorados e exploradores. Tudo isso transparece nos idiomas: por que tanto se usam expressões do inglês americano no Brasil? A língua é um organismo vivo, portanto, muda com a história, muda com a cultura. A Internet, criada nestes tempos atuais, é a maior rede de comunicação e informação criada pelo homem, e criou sua variante da língua com o objetivo de comunicação rápida on line.

Cada vez mais pessoas estão acessando as chamadas “salas” de “bate-papo” e aprendendo o “internetês”, ou “internês” como querem outros; o linguajar dos internautas. De acordo com Tatiana Santana Rodrigues, mestrande de

Língua Portuguesa, “em primeiro lugar, a língua utilizada pelos internautas, salvo algumas exceções, não teria uma utilidade prática no mundo real. A abreviação de certas palavras talvez seja adotada futuramente, em virtude da evolução da língua escrita e da constante busca de agilidade no processo de comunicação pela língua escrita. Quanto ao uso das expressões típicas do mundo virtual, cremos que elas devam ficar restritas ao ambiente do ciberespaço”. E continuando acrescenta: “Em mais de três anos de Internet no Brasil, pouco ou quase nada influiu a Internet no modo de escrever das pessoas. A língua escrita exige certa precisão. A língua escrita dos internautas não tem essa precisão.

Trata-se de uma linguagem hermética, utilizada por uma minoria que sabe o que está fazendo e conhece razoavelmente bem a língua portuguesa em seu nível culto.” O uso da Língua em telegramas exigia também abreviações, sem que com isso as palavras fossem simplificadas em todas as formas de uso. Aliás, muito pertinente seria lembrar as Funções da Linguagem e os Níveis de Linguagem presentes em qualquer idioma. Não existe só o nível padrão de uso em uma língua. É óbvio que há influências de parte a parte, e essa nova forma poderia influir nas futuras transformações pelas quais a língua irá passar nos próximos anos.

Mas isso, já nos salienta Tatiana, “não significa deterioração, mas evolução do idioma”. Se, como registra Alexandre Cruz Almeida em seu blog, “os adolescentes estão escrevendo coisas como: ‘comentem pq eu to de kra com vcs q ngm mais lembra di mim...’”, uma ótima oportunidade para os professores de Línguas reforçarem as aulas sobre a formação dos idiomas e suas muitas formas e modalidades de uso. Pode-se abreviar em telegramas e mensagens virtuais e não se pode, não se deve em dissertações, em textos em que se exige a modalidade padrão.

(Disponível em:
<http://www.educacaoemfriburgo.jex.com.br/portugues/a+internet+e+a+lingua+portuguesa>. Acesso em: 14/10/2013.)

01) O tema central do texto é

- A) a influência do internetês no português culto falado.
- B) a influência do internetês no futuro do português escrito.
- C) a perda da identidade linguística dos falantes do português.
- D) o prejuízo para a escrita adolescente com o uso do internetês.
- E) a contribuição do internetês na evolução da linguagem informal.

02) O internetês ou internês é um código linguístico escrito utilizado pelos usuários da Internet e é considerado um nível de linguagem

- A) formal.
- B) padrão.

- C) técnico.
- D) regional.
- E) coloquial.

03) De acordo com o texto, NÃO é correto afirmar que

- A) as influências externas sofridas pelo idioma fazem parte do seu processo natural de evolução.
- B) as pessoas precisam saber distinguir os contextos em que se deve ou não fazer uso do internetês.
- C) a linguagem utilizada pelos internautas foi criada a partir da necessidade de comunicação rápida na web.
- D) futuramente, o português incorporará as formas linguísticas características da linguagem dos internautas.
- E) o internetês é utilizado por um grupo de falantes que domina relativamente bem a norma padrão da língua.

04) No fragmento “Trata-se de uma linguagem hermética, utilizada por uma minoria que sabe o que está fazendo (...)”

- (4º§), o termo em destaque significa, no contexto,
- A) obscura. B) ambígua. C) exclusiva. D) inteligível. E) sofisticada.

05) Em “Aliás, muito pertinente seria lembrar as Funções da Linguagem e os Níveis de Linguagem presentes em qualquer idioma.” (5º§), o termo destacado tem a função de

- A) contrapor ideias. D) acrescentar um argumento.
- B) apresentar uma ressalva. E) introduzir um contra-argumento.
- C) retificar uma informação.

06) Analise as afirmativas sobre alfabetização e letramento, marque V para as verdadeiras e F para as falsas.

- () No Brasil, atualmente, o termo letramento substitui a palavra alfabetização.
- () O discurso da importância de se considerar os usos e funções da escrita com base no desenvolvimento de atividades significativas de leitura e escrita na escola foi incorporado, principalmente a partir da década de 90, a um novo conceito de alfabetização: o de letramento.
- () A alfabetização centrada em qualquer método sintético ou analítico, como meio de superar o atual contexto de fracasso escolar na alfabetização, é considerar as contribuições das pesquisas que analisam o processo de construção dos sujeitos na aprendizagem da leitura e da escrita e os estudos sobre letramento.
- () A apropriação da escrita alfabética significa que o sujeito esteja alfabetizado.
- () Apenas a interação com textos que circulam na sociedade não garante que os alunos se apropriem da escrita alfabética.

A sequência está correta em

- A) V, F, V, V, F. B) V, V, F, F, F. C) F, V, F, F, V. D) F, F, V, F, V. E) V, V, V, V, F.

07)

Analise as afirmativas correlatas.

“Atualmente, ainda convivemos com um alto índice de analfabetos, mas não podemos dizer que essas pessoas são ‘iletradas’.”

PORQUE

“Sabemos que um sujeito, criança ou adulto, que ainda não se apropriou da escrita alfabética, envolve-se em práticas de leitura e escrita por meio da mediação de uma pessoa que sabe ler e escrever e, nessas práticas, desenvolve conhecimentos sobre os textos que circulam na sociedade.”

Assinale a alternativa correta.

- A) As duas afirmativas são falsas.
- B) A segunda afirmativa contradiz a primeira.
- C) As duas afirmativas são verdadeiras, mas não estabelecem relação entre si.
- D) As duas afirmativas são verdadeiras e a primeira é uma justificativa correta da segunda.
- E) As duas afirmativas são verdadeiras, e a segunda é uma justificativa correta da primeira.

08) Como abordado por Leal e Morais (2010), para compreender as propriedades do sistema alfabético, é necessário que o

indivíduo se aproprie de uma série de conhecimentos, tais como, EXCETO:

- A) Todas as sílabas do português contêm uma vogal.
- B) As letras notam segmentos sonoros menores que as sílabas orais que pronunciamos.
- C) Todas as letras podem vir juntas de outras e podem ocupar certas posições no interior das palavras.
- D) As letras notam a pauta sonora e não as características físicas ou funcionais dos referentes que substituem.
- E) A ordem das letras é definidora da palavra e, juntas, configuram-na, e uma letra pode se repetir no interior de uma palavra e em diferentes palavras.

09) Sobre a apropriação do sistema de escrita alfabética, analise as afirmativas.

- I. Está diretamente relacionada com a capacidade de se pensar sobre a língua.
- II. Na prática, a apropriação se dará somente por meio de atividades avaliativas formais, pautadas em conceitos.
- III. É complexo e possui regras próprias de funcionamento, exigindo de seus usuários conhecimento de sua estrutura; por isso, o ensino precisa ser bem planejado.

Está(ão) correta(s) a(s) afirmativa(s)

- A) I, II e III. B) I, apenas. C) II, apenas. D) I e III, apenas. E) II e III, apenas.

10) Uma das tarefas do professor, quando planeja sua ação didática durante o ciclo de alfabetização, é a escolha dos

recursos a serem utilizados. Para isso, é necessário escolher recursos didáticos essenciais para essa etapa, como

- A) livros que aproximem as crianças do universo literário.
- B) livros didáticos que agrupam textos e atividades semelhantes.
- C) materiais que estimulem a memorização das convenções ortográficas.
- D) livros que sintetizem o contato com diferentes gêneros e espaços sociais.
- E) materiais que circulem restritamente no contexto escolar, com objetivos informativos.

GABARITO

- | | | |
|--------|-------|-------|
| 1 – B | 2 – E | 3 – D |
| 4 – A | 5 – D | 6 – C |
| 7 – E | 8 – C | 9 – D |
| 10 – A | | |

PROVA DA IDECAN 2

Maniqueísmo

A polêmica das cotas, na qual está em jogo o projeto de país que se quer – se aberto ou regido por normas capazes de dividir perigosamente a sociedade –, chegou ao Supremo Tribunal Federal, o fórum indicado para deliberar sobre um conflito dessa magnitude. Iniciado o julgamento do tema numa ação sobre o Programa Universidade para Todos(ProUni), o presidente da Corte, ministro Gilmar Mendes, já recebeu manifestos das duas correntes em choque.

Com o julgamento suspenso por um pedido de vista do ministro Joaquim Barbosa, depois do primeiro voto, favorável às cotas, de Ayres Britto, os dez magistrados que faltam votar ganharam mais tempo para refletir. Experientes, os ministros saberão se defender do maniqueísmo existente no debate. Expresso, por exemplo, no documento dos defensores das cotas entregue a Gilmar Mendes, quando ele considera ser a visão oposta uma expressão da “elite conservadora”, interessada em “manter o poder que acumulou no período da escravidão”.

É mais um equívoco dos que pretendem racializar o contrato de convívio social num país miscigenado, sem o passado de choques entre brancos e negros existentes nos Estados Unidos, fonte de inspiração da política de cotas – por sinal, lá derrubada exatamente na Suprema Corte. As cotas funcionam como um cavalo de Tróia, para contrabandear uma tensão racial inexistente no Brasil.

Quando se critica a proposta, um objetivo é impedir que haja, um apartheid contra o branco pobre, um dos mais prejudicados pela idéia. Conforme alerta o documento encaminhado ao STF por 113 intelectuais, artistas, representantes de movimentos sociais e de sindicatos, as cotas, ao contrário do que se quer fazer crer, são elitistas, pois beneficiarão apenas uma franja da classe média,

média/baixa, mantendo a grande massa de pobres, independente da cor, à margem do ensino. Para o governo, defensor das cotas, convém acenar com uma solução pretensamente milagrosa que o exima de executar com a pressa e prioridade necessárias a ação afirmativa mais indicada: melhorar o ensino público básico a toque de caixa e estimular programas específicos que permitam o acesso dos pobres – não importa se brancos, negros, mulatos, amarelos – à universidade pelos seus próprios méritos. E não por um artifício burocrático que da nada lhes valerá quando tiverem de disputar espaço no mercado de trabalho.

(O Globo)

01) Com referência ao texto assinale a alternativa correta:

- A) O primeiro parágrafo, com estrutura descritiva, tem o objetivo de fazer uma crítica ao sistema de cotas.
- B) Uma das afirmativas contidas no texto é de que o sistema de cotas é defendido pelo governo.
- C) Segundo o autor, as cotas beneficiarão a todos da população.
- D) É possível, de acordo com o texto, aplicar uma política de cotas inspirada nos Estados Unidos.
- E) O primeiro voto favorável às cotas foi do ministro Joaquim Barbosa.

02) Assinale a alternativa que NÃO corresponde às idéias do texto:

- A) O autor é contra a política de cotas no Brasil.
- B) O autor considera o sistema de cotas uma expressão da “elite conservadora”.
- C) O autor defende a idéia de que é preciso investir em educação de base.
- D) As cotas beneficiarão apenas uma parte da classe média, média baixa.
- E) O sistema de cotas divide a sociedade.

03) Pode-se afirmar sobre o texto “Maniqueísmo”, EXCETO:

- A) Apresenta ausência de temporalidade.
- B) Apresenta o ponto de vista do autor. parágrafo retoma ao título do texto.
- C) Apresenta linguagem clara, subjetiva e pessoal.
- D) Apresenta argumento fundamentado em comparação.
- E) O primeiro

04) Ao concluir o texto, o autor:

- I. Apresenta indagações que gera questionamentos.
- II. Apresenta uma linguagem de difícil entendimento para dificultar a compreensão por parte de algumas pessoas.
- III. Faz uma crítica ao sistema de cotas.
- IV. Apresenta soluções que para ele são viáveis para a solução do problema.

Estão corretas as afirmativas:

- A) I, II e IV
- B) II, III
- C) I, II, IV
- D) III e IV
- E) I e IV

05) Pode-se inferir do texto, EXCETO:

- A) O ensino público básico apresenta deficiências.
- B) O ministro Gilmar Mendes considera o sistema de cotas uma expressão da elite conservadora.
- C) O branco pobre foi prejudicado pelas idéias do sistema de cotas.
- D) Os intelectuais, artistas, representantes de movimentos sociais e de sindicatos são contra o sistema de cotas.
- E) O choque entre brancos e negros levou os Estados Unidos a adotarem a política de cotas.

06) NULA

07) Diversidade de propósitos, diversidade de modalidades de leitura e textos e diversidade de combinações, entre eles... A inclusão dessas diversidades (Ferreiro, 1994) – assim como sua articulação com as regras de exigências escolares – um dos componentes da complexidade didática no qual é necessário assumir quando se opta por apresentar a leitura na escola sem simplificações, velando por conservar sua natureza e, portanto, sua complexidade com prática social. Acerca disso, é correto como prática da leitura em sala de aula:

- A) Ler uma receita de bolo para fazê-lo.
- B) Ler uma história para depois produzir o conhecimento que se tem sobre o tema.
- C) Ler bilhetes e comunicados dirigidos aos pais juntamente com os alunos.
- D) Ler o que está fixado nas paredes da escola.
- E) Todas as alternativas anteriores estão corretas.

08) Segundo Magda Soares, do ponto de vista social, o alfabetismo não é apenas, nem essencialmente, um estado ou condição pessoal; é sobretudo, uma prática social. Acerca disso, é correto afirmar que, EXCETO:

- A) Alfabetismo é o que as pessoas fazem com as habilidades e conhecimentos de leitura e escrita, em determinado contexto.
- B) Alfabetismo é a relação estabelecida entre habilidades de escrita e leitura e conhecimentos e necessidades, os valores e práticas sociais.
- C) O alfabetismo é definido como um conjunto de habilidades de leitura e escrita, independente da forma de usá-las.
- D) Alfabetismo não se limita pura e simplesmente à posse individual de habilidades e conhecimentos.

E) Alfabetismo é um conjunto de práticas sociais associadas com a leitura e a escrita efetivamente exercidas pelas pessoas em um contexto social específico.

09) O avanço da psicologia cognitiva da leitura vem permitindo um mapeamento bastante detalhado das competências

que precedem, acompanham e se tornam possíveis à alfabetização. Analisando uma das competências centrais ao processo de alfabetização na leitura: Competência fonológica, está correto afirmar que:

- A) É a idéia que há uma relação entre a presença e a posição de um grafema e o som que ela tem na palavra.
- B) É a idéia de que diferentes letras produzem diferentes sons.
- C) É a capacidade de pronunciar o som de uma palavra escrita ou transformar em escrita uma palavra ouvida.
- D) Inclui a correção e ritmo o de leitura de textos.
- E) N.R.A.

10) Definida a alfabetização e as competências que a possibilitam, cabe identificar os instrumentos mais adequados para avaliar se o aluno está alfabetizado. Para avaliar a capacidade de escrita, o ditado é um instrumento que apresenta um elevado grau de validade, levando-se em conta:

1. Fluência.
2. Legibilidade.
3. Nível de correção ortográfica.
4. Atendimento de regras básicas de pontuação e o uso de maiúsculas.
5. Disposição da escrita no papel de acordo com a natureza da mensagem.

Assinale a quantidade de itens corretos:

- A) 1
- B) 2
- C) 3
- D) 4
- E) 5

GABARITO

- 1 – B
- 2 – B
- 3 – C
- 4 – D
- 5 – D
- 6 – NULA
- 7 – E
- 8 – C
- 9 – A
- 10 – E